
Giovanni Traettino

O desafio da Igreja na Europa hoje.

Antes de qualquer coisa, desejo agradecer o pastor Jorge Himitían, porque por ocasião da reflexão sobre o “futuro da AFI”, ele sugeriu que “fizéssemos uma consulta entre nós” com relação aos desafios que estão diante da igreja no mundo de hoje. A reflexão, que nos torna mais próximos, continua sendo uma das experiências mais estimulantes e fecundas no nosso caminhar. De fato, é justo fazermos perguntas sobre a futura contribuição da nossa “comunidade de destino” diante dos vários desafios que se nos apresentam como igreja no mundo em que estamos.

Considero útil, também, fazer uma abordagem ao referido questionamento a partir de uma perspectiva mais próxima dos diferentes contextos geográficos e culturais nos quais estamos operando presentemente. De fato, há diferenças e especificidades que caracterizam e distinguem nossas diversas realidades. No final, o quadro estará mais claro.

Nas duas AFI anteriores, sugeri algumas reflexões sobre a Europa e sobre o futuro da AFI. Desta vez, acrescentarei outras considerações na esperança de que elas nos orientem para podermos focar cada vez mais a nossa atenção naquilo que, no final, parece-me que é o mais importante para a nossa caminhada.

Vem, Espírito Santo!

Por falar em Europa, o que me chamou atenção no ano passado é o descobrimento de algo que considero um “laboratório de reflexão” muito interessante, que foi aberto na Faculdade de Teologia da Universidade de Friburgo (Suíça). O título é: “Repensar a igreja do século XXI” (*“Re-imagining the Church of the XXI Century”*). Partindo da invocação do Espírito Santo (*“Come, Holy Spirit”*), são levadas em consideração, de modo muito sério, as “novidades” que causaram uma erupção na vida da igreja no século passado, e que mudaram as “*facies*” (aspecto geral) de modo significativo, o que gerou nova esperança para muitos crentes, dando novos ares à expectativa de renovação e criando as premissas para imaginar um novo futuro para a igreja. Os “recipientes” da reflexão – espiritual e extremamente qualificada – se refere, de modo fundamental, às igrejas históricas Católica, Anglicana, Reformada e Ortodoxa, com o envolvimento dos maiores expoentes das correntes mais próximas à sensibilidade evangélica, ecumênica e carismática. Notamos o envolvimento de homens e de grupos, como por exemplo: Holy Trinity Brompton e Alfa, Taizé, Enzo Bianchi e Bose, o arcebispo de Westminster; o patriarca ecumênico Bartolomeu, padre Raniero Cantalamessa e dos Focolares. Não há falta de alguns pastores pentecostais - hóspedes e interlocutores agradáveis. Esse é um projeto-piloto, em um clima profundamente fecundo e criativo - realmente de vanguarda. Juntamente com o pastor Ernesto Bretscher, pudemos participar da sessão no ano passado. Fomos convidados a oferecer nossa contribuição também neste ano.

Sinais de novidade

A vocês todos também é notória a outra “novidade”. Já faz três anos que temos vivenciado essa novidade. No marco das relações nascidas entre os pastores Himitian, Mraida, Saracco e o cardeal Bergoglio em Buenos Aires, agora eleito Bispo de Roma, o Papa Francisco, no dia 28 de julho de 2014, este veio visitar a nossa comunidade para pedir perdão com relação à responsabilidade dos católicos pela perseguição aos pentecostais italianos, e também para abrir um capítulo novo no clima das relações entre a Igreja de Roma e o mundo Pentecostal. Tenho pensado muitas vezes, e tenho sido grato, pela amizade profética do século passado entre David Du Plessis e o Papa João XXIII!

Dentro de alguns dias, outra “novidade”: Juntamente com muitos pastores evangélicos e pentecostais provenientes de diversas partes do mundo, celebraremos a primeira vigília histórica do Pentecostes junto com o Papa Francisco, para celebrar a nossa origem em comum, o nosso DNA e a nossa ascendência Pentecostal” que faz de nós um povo em comum. Ao Circo Máximo! Isto é para recordar a raiz que faz de nós um povo em comum com o sangue dos mártires! Com todos os daquele tempo e com todos os que, a cada dia, têm suas vidas tiradas em várias partes do mundo pelo fato de serem cristãos.

Recordarei outra vez, segundo a minha limitada experiência, o encontro de junho de 2015, em Atenas, com o cabeça da Igreja Ortodoxa da Grécia, o arcebispo Jeronimos II, com alguns de seus colaboradores. Encontramo-nos – assim que fomos convidados – na sede em Atenas. Foi a primeira vez que o cabeça da Igreja Ortodoxa Grega recebeu um pastor evangélico. Oramos juntos. O encontro foi muito abençoado. Mantivemos contato para deixar que o Senhor fecunde o nosso relacionamento. O encontro em Lesbos foi, de certo modo, favorecido por este contato.

Correntezas de espiritualidade

Desejo acrescentar que, junto com os episódios que mencionei, verdadeiras “correntezas de vida e de espiritualidade” regaram o solo europeu no século passado e regaram a igreja, essa, sim, sem adjetivos, a “grande” Igreja. Penso no *movimento bíblico e evangélico* que possibilitou a recuperação da primazia e da centralidade da Palavra de Deus, o redescobrimiento da força e da simplicidade do evangelho; isto é, a do primeiro anúncio (o *kerigma*) e do ensino apostólico (a *didaquê*). Penso nos *movimentos de comunhão (koinonia)* que foram inspirados na oração em João 17 (“*Que todos sejam um*”). Naqueles que, com desejo de se voltarem para o Espírito e de volta ao frescor da igreja primitiva, têm redescoberto os primeiros capítulos de *Atos*, a igreja de Jerusalém. Ademais, encontro hoje tantos crentes fecundados com esta espiritualidade, que oram e trabalham por encontros amigáveis, pelo diálogo fraternal e pela unidade dos cristãos. Penso nos *movimentos de serviço (diaconia)* que, animados pelo espírito de Cristo, investiram suas vidas nos excluídos e nos últimos. Penso, em fim, no grande e variado *movimento pentecostal e carismático* que tem levado a Cristo milhões de homens em toda a Terra, e que tem despertado e renovado a vida de milhões de cristãos nominais. Uma soma de movimentos e de correntezas espirituais que tendem cada vez mais a influenciarem e entrelaçarem mutuamente, e que dão vida a uma preciosa química espiritual que, - uma vez liberada – já não poderá deixar de dar fruto na estação própria, nem poderá deixar de fecundar a igreja e o tempo que virá.

A virtude da esperança

Então há expectativa! Voltou a haver esperança! Certamente não faltam sinais de abertura e de novidade para o futuro da igreja. Também na Europa, os sinais geralmente operam de modo subterrâneo, como rios cársticos, dando impulso à renovação, à reforma e à unidade que não deixarão de dar fruto em seu tempo. O estilo de Deus é ocultar, é o da semente que cai na terra e o da fermentação, o do sal... os *processos*, também na nossa Itália, que não é fácil, já começaram. O terreno já começou a ser trabalhado – já no século passado – para ser preparado e novamente semeado... como temos visto em diversos movimentos espirituais, geralmente transversais à igreja e que surgiram de maneira improvisada e se levantaram. Os velhos paradigmas são desafiados! Contudo, penso nas esperanças suscitadas pelo nascimento do Movimento Ecumênico, na surpresa do Vaticano II, nos efeitos explosivos causados pelo nascimento e o tumultuoso desenvolvimento do Movimento Pentecostal. Penso na aparição no cenário mundial de mulheres e de homens extraordinários: Dietrich Bonhoeffer, Juan XXIII, Paulo VI, Chiara Lubich, Basilea Schlink, Roger Schultz, Martin Luther King, Teresa de Calcutá, Carlo María Martini.

Será um novo tempo?

Mas é necessário dizer que, juntamente com os sinais positivos, há problemas diferentes e muito negativos. Porém, por acaso não tem sido sempre assim no decorrer da história? Certamente! E os desafios que temos hoje, aqui, que enfrenta o do cristianismo europeu, não são insignificantes. São os mesmos que cada europeu enfrenta. São os da esfera política e da economia, da justiça e da burocracia. Este é um quadro de lamentável e nociva corrupção que desgasta o tecido moral e civil, sobretudo em alguns países da Europa Meridional, com seu altíssimo preço, principalmente para as classes mais fracas. A pobreza, também aqui na Europa, cresce a um ritmo que já o tínhamos esquecido. Com estes problemas, essencialmente “materiais”, é necessário lembrar – como disse alguém – os não poucos nem fracos altares construídos pela modernidade.

Não obstante – esperando, quem sabe, contra toda esperança – por algum motivo creio que o que aconteceu no século passado foi uma preparação para um “novo tempo”, para um *kairòs* (um tempo especial) de nova aceleração do processo do regresso do homem a Deus, de aproximação dos cristãos e de uma nova abertura, de uma nova capacidade de escutar por parte do mundo e, portanto, a Europa está incluída até o cumprimento desta “plenitude”, que é o sonho de Deus de todos os tempos.

Pessoalmente, creio que o empenho e a atividade *política* sejam importantes. Alguém disse: a forma mais alta de caridade. E penso que todo crente e comunidade cristã tem que se preocupar com o “bem comum, com o bem-estar da cidade”. Porém, estou ainda mais convencido de que o nível mais importante e estratégico para a mudança da cidade está na dimensão que precede a política, no que se pode chamar de “*pré-político*”, no “pessoal”, isto é, na edificação do homem, na edificação da comunidade. Estes são os “recipientes” que têm a atenção prioritária de Deus; estes são os dons de Deus para a humanidade. Estas são as “agências” nas quais, desde o princípio, decidiram investir; nas quais continua se oferecendo para bonificar a terra e redimir a humanidade.

Princípios fundamentais e essenciais

Então, há esperança! Assim respondeu anos atrás o cardeal de Florença, Silvano Piovanelli; a quem foi solicitado uma previsão para este milênio; ele respondeu: *uma época em que haverá um regresso aos princípios fundamentais do cristianismo*. E o padre Raniero Cantalamessa ama repetir

que os evangélicos tem do Senhor *o carisma da essencialidade*. “Princípios fundamentais” e “essencialidade”. Duas ordens de valores com os quais, como evangélicos, nos encontramos com gosto. De fato, considero que são os elementos constitutivos da “profecia” entregue à nossa “parte”, para empurrar e fecundar as igrejas históricas, em particular a Igreja Romana. Regressar aos princípios fundamentais, também entre nós, revalorizando o essencial, com atenção particular na *pessoa* e na *comunidade*.

Pessoa e Comunidade

Sobre o primeiro ponto, *a pessoa*, sabemos que tem sido positivo, e ainda hoje é a maior contribuição da tradição protestante e evangélica. Porém, é necessário que voltemos a levantar em nossos dias a bandeira do Avivamento, com um chamado à santidade.¹ É necessário, em face de algumas “resvaladas”, novo fomento à santidade. Quanto ao segundo ponto, *a comunidade*, devemos enriquecer o nosso “depósito” – parece-me que na nossa tradição ainda necessitamos “voltar a pensar em nós”, necessitamos recuperar.

É interessante o último livro do autor americano ortodoxo Rod Dreher, *The Benedict Option*, com o subtítulo “Uma estratégia para cristãos em um mundo pós-cristão”.² Trata-se de animar e, ao mesmo tempo, desafiar para recuperarmos, neste mundo, o valor da igreja local, a *experiência* da comunidade. Cristo, para a pessoa, e a Trindade para a comunidade em primeiro lugar. A seguir, todas as verdades fundamentais. O todo está bem conservado na ótima síntese dos Credos fundamentais: o Credo Apostólico e o Credo de Nicéia-Constantinopla. *A pessoa habitada. A comunidade habitada* poderá parecer

¹ Este ano lembramo-nos do aniversário número 300 (Genebra, 1817) do início do avivamento na Europa. “Estamos em Genebra de 1817, os estudantes de Teologia da *Académie*, ainda calvinista na tradição, mas não na doutrina, estão em crise já faz muito tempo. Os ensinamentos de seus professores, fruto de uma mentalidade racionalista, não correspondem ao sentimento da geração que é filha do Romantismo: ser cristão não implica somente praticar uma vida virtuosa, mas sim, viver experiências de renovação espiritual ...” - Giorgio Tourn, “1517, 1817, 2017, entre a Reforma e o Avivamento”, *Riforma*, março de 2017

² “Rod Dreher argumenta que o caminho adiante é, de fato, o caminho de volta – o trajeto todo até São Benedito de Núrsia. Este monge do século VI, horrorizado pelo caos moral que se seguiu à queda de Roma, se retirou para as florestas e criou um novo modo de vida para os cristãos. Ele edificou sobre os princípios da ordem, da hospitalidade, da estabilidade, e da oração. Seus centros espirituais de esperança eram fortalezas de luz em meio às Eras de Trevas, e salvaram não somente o cristianismo, mas também a civilização ocidental” – Rod Stiger, *The Benedict Option*, Sentinela, New York, 2017. *Apresentação*.

Pouco em face aos desafios de um mundo altamente complexo e estendido, sem medida, de uma sociedade globalizada. Porém, a meu ver, estes são os instrumentos, os humildes instrumentos – porém, fundamentais – que, animados por Cristo e pela Trindade, podem aceitar e vencer uma vez mais, na história do homem, os grandes desafios que encaramos em relação à realidade contemporânea.

A missão da AFI

Apresento uma última observação que tem a ver, neste contexto, com a natureza e a vocação da AFI. AFI significa *Comunhão Apostólica Internacional*, que tem como parte fundamental de seu *ethos* o enfoque relacional, na convicção de que esta é a natureza radical de Deus, o DNA de sua

Comunidade: Relacionamentos, relacionamentos e relacionamentos! Por este motivo, seus ministros, em especial os ministros apostólicos, são chamados a ser, eles próprios, homens de fronteira, construtores de pontes, ministros da reconciliação. E a AFI foi chamada para trabalhar nas brechas e nos interstícios que se formaram em primeiro lugar – mas não exclusivamente – entre as famílias evangélicas e pentecostais. Para conquistar ainda outros novos territórios para Cristo, sempre pondo em relacionamento e unindo – de acordo com cada realidade – outros ministros com o mesmo coração e com a mesma paixão pela unidade. Encarnando, primeiramente, e promovendo, depois, mais pessoas e de modo sempre mais evidente a vida e o estilo de Cristo, a edificação e o crescimento da Comunidade.

Neste processo, devemos nos livrar, na medida em que estejamos conscientes, dos nossos resíduos de vaidade, de orgulho e de independência para praticar e promover, em todo lugar, um espírito de abertura para ouvir, para servir e em prol da unidade. Devemos investir, em especial, nos relacionamentos com outros ministérios apostólicos. Junto com eles, na condição de homens chamados por Deus, influenciar e orientar, por meio da atração e da imitação, as novas gerações de discípulos e as novas e as velhas comunidades, juntando-as em relações de amor fraternal e de fecunda receptividade recíproca, tendo sempre na ordem do dia e no deserto espiritual do nosso tempo, a edificação de comunidades de refúgio e de homens santos.

Giovanni Traettino